

Conviver com as vozes na infância: conteúdo, influência e estratégias de acolhimento

Clarissa de Souza Cardoso¹, Roberta Antunes Machado²,
Marta Solange Streicher Janelli da Silva³, Carmem Terezinha Leal Argiles⁴,
Luciane Prado Kantorski⁵ y Valéria Cristina Christello Coimbra⁶

^{1,3,5,6} *Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

² *Instituto Federal Sul Rio-grandense, Brasil*


⁴ *Universidade Anhanguera Pelotas, Brasil*


Identificar conteúdo, influência e estratégias de acolhimento a partir da narrativa de crianças que escutam vozes. Método: estudo narrativo-qualitativo utilizou-se conceitos Benjaminianos de experiência e linguagem, analisaram-se as contribuições de quatro crianças, com idades entre nove e 12 anos autodeclaradas ouvintes de vozes. Realizaram-se as atividades com a criação do grupo online Crianças Unidas. Resultados e discussões: apresentaram como conteúdos vozes amigáveis que influenciaram positivamente no cotidiano, enquanto as vozes difíceis de lidar induziram ao distanciamento social. As estratégias desenvolvidas foram: prática do Reiki, participação no Grupo, escrita literária, desenhar, jogos online. Considerações finais: os conteúdos podem ser vozes, visões e sensações; a influência é atribuída à introspecção e insegurança e uma das estratégias foi o Grupo Crianças Unidas.


Palavra-chave: assistência à saúde mental, saúde da criança, ouvintes de vozes, Movimento Internacional de Ouvintes de Vozes


Vivir con voces en la infancia: contenido, influencia y estrategias de recepción

Identificar contenidos, influencias y estrategias de acogida de la experiencia a partir de la narrativa de niños que escuchan voces. Método: estudio narrativo-cualitativo, se utilizaron conceptos benjaminianos de experiencia y lenguaje para analizar las contribuciones de cuatro niños, con edades entre nueve y 12 años, auto-declarados oyentes de voz. Resultados y discusiones: presentaron voces amigas como contenidos que influyeron positivamente en la vida cotidiana, hubo distanciamiento social con voces difíciles de manejar. Las estrategias desarrolladas fueron: práctica de Reiki, participación en el Grupo, escritura literaria,


Clarissa de Souza Cardoso  <http://orcid.org/0000-0002-7109-2008>

Roberta Antunes Machado  <https://orcid.org/0000-0002-9087-6457>

Marta Streicher Janelli da Silva  <https://orcid.org/0000-0003-1479-0544>

Carmem Leal Argiles  <https://orcid.org/0000-0002-4036-9553>

Luciane Prado Kantorski  <https://orcid.org/0000-0001-9726-3162>

Valéria Christello Coimbra  <https://orcid.org/0000-0001-5327-0141>

Toda correspondência referente a este artigo deve ser endereçada a doutora Clarissa de Souza Cardoso. Email: cissascardoso@gmail.com



dibujo, juegos online. Consideraciones finales: Los contenidos pueden ser voces, visiones y sensaciones; la influencia se atribuye a la introspección y la inseguridad, y una de las estrategias fue el Grupo Niños Unidos.

Palabras clave: atención a la salud mental; salud de niños; escuchar voces; Movimiento Internacional de Escuchar Voces

Living with voices in childhood: content, influence and reception strategies

Identify content, influence and strategies for welcoming the experience based on the narrative of children who hear voices. Method: narrative-qualitative study, Benjaminian concepts of experience and language were used to analyze the contributions of four children, aged between nine and 12 years old, self-declared voice hearers. Results and discussions: they presented friendly voices as content that positively influenced daily life, while voices difficult to deal with induced social distancing. The strategies developed were: Reiki practice, participation in the Group, literary writing, drawing, online games. Final considerations: The contents can include voices, visions, and sensations; the influence is attributed to introspection and insecurity, and one of the strategies was the United Children Group.

Keywords: mental health assistance; child health; hearing voices; Movement International Hearing Voices

Vivre avec des voix dans l'enfance: contenus, stratégies d'influence et de réception

Identifier contenu, l'influence et les stratégies d'accueil de l'expérience basées sur le récit d'enfants qui entendent des voix. Étude narrative-qualitative, les concepts benjaminien d'expérience et de langage ont été utilisés pour analyser les contributions de quatre enfants, âgés de neuf à 12 ans, auditeurs autoproclamés de voix. Les voix amicales comme des contenus qui influençaient positivement la vie quotidienne, tandis que les voix difficiles à gérer induisaient une distanciation sociale. Les stratégies développées étaient pratique du Reiki, participation au Groupe, l'écriture littéraire, dessin, les jeux en ligne.: Les contenus peuvent être des voix, des visions et des sensations; l'influence est attribuée à l'introspection et à l'insécurité, et l'une des stratégies était le Groupe Enfants Unis.

Mots clés: soin de la santé mentale, la santé de l'enfant, auditeurs de voix, Mouvement international des voix entendues

A escuta de vozes na infância – vozes que outras pessoas não ouvem –, é uma temática pouco desenvolvida no Brasil. Reconhece-se a partir de uma perspectiva antimanicomial, a importância de garantir estudos com o público infantil sobre a audição das vozes, assim como destaca Benjamin (2011), as crianças são sujeitas envolvidos pela complexidade do contexto social, e, portanto, é inerente seu envolvimento na problemática histórica de seu tempo.

A compreensão sobre a experiência de ouvir vozes na infância para além do saber da psiquiatria convencional surge com o Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes (MIOV) no final da década de 80 na Holanda. Este movimento traz um sentido diferente para a experiência, pois a considera como uma variação humana, e isso consequentemente modifica a forma de cuidar e acompanhar as pessoas que ouvem vozes com uma abertura para o entendimento de que nem toda pessoa que tem essa experiência necessita de intervenções psiquiátricas para estabelecer uma boa convivência com elas. Admite ainda que ser um/a ouvidor/a está para além do sentido da audição de vozes, incluem-se pessoas que têm visões, sentem cheiros, sensações táteis, energéticas, ruídos, zumbidos (Intervoice, 2017).

Algumas pesquisas brasileiras apontam a existência do fenômeno, como parte de uma fantasia criada pela criança, a partir do faz de conta, nomeando como amigos imaginários (Velludo & Souza, 2016; Marion et al., 2018). Todavia, o Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes (MIOV), têm nos indicados que, o fenômeno da audição de vozes para aquelas/es que as têm é real, e portanto, não se trata do imaginário que produz uma fantasia.

Um dos desafios da pesquisa sobre a experiência de ouvir vozes na infância é desmistificar para a sociedade que experiência é humana e muitas vezes acontece de forma natural, nem sempre haverá uma relação de trauma envolvido, tanto para aquelas que possuem amigos imaginá-

rios, quanto para quem ouve vozes. Quebrar o paradigma da psiquiatria convencional não significa romantizar a experiência que pode sim estar acompanhada de sofrimento, mas construir com as crianças uma outra lógica de cuidado e acolhimento (Cardoso et al., 2018).

Entende-se que, a experiência dos/das ouvidores/as não pode ser reduzida a um mero sintoma patológico de uma doença ou a imaginação, há que se pensar em todos os sentidos produzidos pelo fenômeno na vida das crianças, admitindo-se que ela pode ser perturbadora, contudo, patologizá-la trará consequências negativas, pois este aspecto tende a gerar mais isolamento, estigmatizações e sofrimento (Kantorski et al., 2018).

Para o MIOV o fenômeno de ouvir vozes não deve ser visto como um problema, pois o que pode gerar sofrimento nos sujeitos não é a experiência em si, mas a forma de se relacionar com ela. Em vista disso uma das propostas do MIOV é oferecer apoio para que a pessoa possa ressignificar suas experiências, a partir da reflexão sobre qual/quais significado/s a voz, visão e/ou outras sensações possuem, se é capaz de promover conforto emocional e quais estratégias de acolhimento são possíveis estabelecer (Intervoice, 2017).

Segundo os autores Romme et al. (2010), as pesquisas com ouvidores de vozes têm demonstrado que livrar-se das vozes não é tão importante, nem mesmo necessário, principalmente quando se alcança o equilíbrio e entendimento a respeito do que as vozes dizem, colaborando assim para a transformação dos próprios contextos de vida. Por esta razão os grupos de auto mútua ajuda ou convivência são espaços seguros para partilhar essas experiências e as estratégias para conviver com a escuta das vozes.

Escher (2002, 2004, 2012) realizou uma pesquisa com 80 crianças e adolescentes, entre oito e 19 anos de idade, acompanhando-as ao longo de três anos. Foram admitidas no estudo dois públicos: as que estavam em acompanhamento nos serviços psiquiátricos e por isso consideradas “pacientes” e também aquelas que não realizavam nenhum tipo de tratamento em função das vozes, considerando-as “não pacientes”. A intenção da pesquisa foi estabelecer fatores preditivos que pudessem

estar associados ao fenômeno de ouvir vozes. Esse estudo demonstrou que não existiam diferenças no curso da experiência dos participantes e nas estratégias e competência de enfrentamento, além de identificar que para 13% houve uma continuação do fenômeno.

Um estudo do tipo revisão de literatura realizada por Cardoso et al. (2018) destaca que inúmeras crianças, seja por receio, medo ou vergonha, não falam sobre o assunto com pais, professores, familiares devido ao estigma construído pela perspectiva da psiquiatria convencional hegemônica, que entende esse fenômeno como sinônimo de um sintoma psiquiátrico, associado à esquizofrenia. Desconstruir o paradigma biomédico, sobre a esquizofrenia, permite à criança, segurança para narrar sua experiência a respeito do conteúdo e influência que as vozes, visões e sensações ocasionam, na tentativa de fugir da psiquiatria dos processos infantis.

Para compreender esse fenômeno será utilizado o conceito de experiência em Benjamin (2011). Segundo o autor, a experiência infantil é composta por um misto de complexidade e sutileza na medida em que elas possuem diferentes formas de ser e estar no mundo, que se distingue dos adultos, por esta razão há a necessidade de um olhar diferenciado para a criança. Para Benjamin, de fato a experiência será sempre: subjetiva e singular para quem viveu e somente quem a vive poderá falar sobre o que experimentou. Assim, somente às crianças que ouvem vozes poderão conferir sentido próprio a partir de como as vozes afetam.

A existência de crianças que ouvem vozes acompanha historicamente a sociedade, nem sempre ela esteve associada aos conceitos psiquiatrizantes que versam sobre sintomas e adoecimento. Diferentes narrativas sobre o fenômeno foram consideradas, desde sacralidade, sabedoria, santidade, justiça, heresia, demonização e alienação, acompanhando as diferentes épocas nas quais se realizaram registros (Fernandes, 2018).

Destaca-se a importância das narrativas das crianças que ouvem vozes, como forma de expressão da sua subjetividade sobre suas necessidades, pois para Benjamin (2013) promovê-las significa resgatar

os sentidos, a criatividade e a capacidade de construir significados para a própria existência. Essa assertiva do autor vai ao encontro das narrativas sobre a escuta das vozes, que é singular, os conteúdos são diversos, assim como as influências na vida das crianças e as estratégias que elas desenvolvem para acolhê-las.

A experiência da audição de vozes tende a ser silenciada pela psiquiatria convencional e logo também pela sociedade por meio da patologização, medica-mentalização e estigmatização da mesma. No que se refere às crianças isso se intensifica duplamente, pois mesmo sem ouvir vozes, suas experiências são desqualificadas pelos adultos. Deste modo, estudos que se ocupem com a linguagem das narrativas, conteúdo das vozes, influências na vida e estratégias de acolhimento revelam-se como possibilidade de avançar nos modos de interpretar essa experiência e de proteção e cuidado à infância.

Neste sentido, o objetivo deste estudo foi identificar o conteúdo, a influência e as estratégias de acolhimento da experiência a partir da narrativa de crianças que escutam vozes

Método

Participantes

O cenário da pesquisa foi o Grupo Crianças Unidas, criado em julho de 2020, com o objetivo de promover um espaço de escuta e acolhimento de crianças que têm na sua história de vida a experiência de ouvir vozes, os quais futuramente tornaram - se interlocutores da pesquisa. Este aspecto da participação prévia das crianças no grupo favoreceu a construção de um vínculo entre os interlocutores e a pesquisadora. Inicialmente realizou-se o contato telefônico com as mães de cada criança para apresentar a finalidade do grupo, da mesma forma fez-se o contato com as crianças e após o aceite, foi criado o grupo no WhatsApp, onde foram adicionados os contatos telefônicos disponibilizados.

Técnicas de obtenção de dados

Trata-se de uma pesquisa narrativa, com abordagem qualitativa que valoriza a experiência das crianças que ouvem vozes, elucidando o conteúdo, a influência das vozes e estratégias de acolhimento. Utilizaram-se os conceitos Benjaminianos sobre experiência e linguagem para compreender o fenômeno das vozes na infância.

A técnica de produção dos dados foram a observação participante, registrando as atividades lúdicas dos encontros do grupo em diário de campo e a entrevista narrativa com o apoio da adaptação realizada do questionário *Maastricht Interview With a Child or Adolescent who Hears voices (MIC)*. As perguntas realizadas foram: as vozes são amigáveis/ desagradáveis/ dizem algo para você fazer/ as vozes chantageiam você? As vozes lhe causam tristeza/ amedrontam você/ confundem você/ deixam você feliz/ as vozes influenciam seu comportamento em casa, na escola, com os amigos, com outros contatos sociais? Como você percebe as vozes: predominantemente positivas/ negativas/ neutras/ ou ora positivas ora negativas? As entrevistas individuais foram realizadas e transcritas pela pesquisadora no mês de setembro de 2021.

Procedimento

A presente pesquisa foi realizada por uma bolsista de doutorado de um Programa de Pós-graduação em Enfermagem, com a tese intitulada: “Com a palavra as crianças: narrativas sobre a escuta de vozes”, a qual integra uma pesquisa maior: “Avaliação dos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil do Rio Grande do Sul (CAPSi-SUL), financiada pelo CNPq e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem sob o parecer de nº 3.023.338, sendo respeitados todos os procedimentos éticos previstos na pesquisa com o público infantil. Além disso, a pesquisadora também é especialista em Novas Abordagens em Saúde Mental Infantojuvenil e durante o Mestrado conduziu atividades com crianças na faixa etária dos oito aos 10 anos.

Enviou-se formulário online pelo Google Forms do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para as crianças e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para as mães, para proceder às respectivas assinaturas, além do termo de autorização do uso de imagens. A produção de dados somente teve início após a qualificação do projeto de pesquisa em outubro de 2020, os encontros ocorreram duas vezes por semana, com duração de 60 minutos, pelo aplicativo WhatsApp, durante os meses de novembro de 2020 a setembro de 2021. O nome escolhido pelos interlocutores, “Crianças Unidas”, relaciona-se com a necessidade de identificar a importância de estarem juntas e pensando em suas experiências.

Estipulou-se um grupo com acolhimento contínuo, para que eventualmente outras crianças pudessem participar, destaca-se ainda que a permanência durante as atividades não foi obrigatória, as crianças tinham a liberdade de participar ou não quando desejassem.

Análise de dados

Analisaram-se os dados seguindo as etapas propostas pela Teoria da Argumentação (Cardano, 2017) que prevê três etapas: segmentação dos dados empíricos, a individuação das relações e o distanciamento da pesquisadora de forma a não atribuir distorções aos dados. Após a leitura exaustiva das anotações em diário de campo, das entrevistas narrativas, separou-se o material em experiências concretas (quem, onde, por que) e referências que expressaram as crenças, juízos de valores e sabedoria de vida. Em seguida, analisou-se os materiais, experiências concretas e referências para compor as narrativas sobre o ouvir vozes na infância a partir do conteúdo, influência e acolhimento da experiência pelas crianças. As entrevistas narrativas foram devolvidas para as crianças de maneira individual para que pudessem validar a apresentação dos dados. Os resultados serão apresentados em dois temas: Conteúdos e influências das vozes na infância e estratégias de acolhimento das experiências singulares de ouvir vozes.

Considerações Éticas

Nesta pesquisa foram respeitados todos os preceitos éticos das resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016, alusivas ao desenvolvimento de pesquisa com seres humanos (Brasil, 2012 & Brasil, 2016). Para manutenção do anonimato os interlocutores escolheram nomes fictícios.

Foram adotados os critérios de avaliação do guia COREQ para a escrita do manuscrito, de maneira a qualificar o relato da pesquisa (Souza et al., 2021).

Resultados e discussões

Os interlocutores foram quatro crianças, que se descreveram como: três meninos e uma menina, três autodeclarados brancos e um autodeclarado negro, com idades entre nove e 12 anos, que se identificaram como ouvidores de vozes, cujas experiências aconteceram ao longo do dia com plena consciência. Em relação à localidade das participantes, três residiam no Rio Grande do Sul e uma das crianças no estado de Minas Gerais. Todas elas estavam matriculadas em escolas públicas e realizando as atividades escolares de forma remota. Foi excluída uma criança que não aceitou participar da pesquisa por não possuir celular próprio, o único aparelho telefônico era o da mãe e permanecia com ela no trabalho. Três participantes faziam acompanhamento no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), uma delas já havia sido atendida no CAPSi, mas no momento do grupo não estava mais realizando nenhum outro acompanhamento. Logo abaixo são apresentados os temas.

Conteúdos e influência das vozes na infância

Para que as crianças consigam acolher suas experiências é necessário possibilitar um espaço em que construam suas próprias estratégias e descubram que conteúdos aparecem nas narrativas e qual/quais influência/s ocorrem nas suas vidas.

Segundo Fernandes e Zanello (2018) o(s) conteúdo(s) da(s) voz(es) é uma das variáveis topográficas que ao serem investigadas por meio da comunicação terapêutica pode auxiliar na compreensão dessa experiência a partir da sua história de vida.

No livro “Vivere con le voci: 50 storie di guarigione”, em português: *Viver com a voz: 50 histórias de cura*, os autores contam a história de 50 ouvidores/as de vozes, para algumas destas pessoas a experiência iniciou na infância, são histórias de superação de um contexto complexo, o que não significa que essa experiência cessou na infância, adolescência ou na fase adulta (Romme et al., 2010). Embora Escher (2012), por meio de sua pesquisa, tenha observado que na infância não existe uma regra sobre a continuidade da experiência com as vozes, sabe-se que, para uma parte das/dos ouvidora/es a experiência iniciou neste período da vida.

De fato, observa-se a partir deste estudo, que a premissa encontrada por Escher (2002, 2004, 2012), se aplica às crianças da pesquisa, pois dois interlocutores referiram o cessar das vozes, contudo, verificou-se que a experiência se transformou. Se antes as vozes e visões estavam mais presentes, neste momento para estes interlocutores têm-se apresentado com a sensação de alguém próximo a eles ou como forma de uma energia forte, como se pudesse tocá-los.

As crianças narraram que as vozes/visões/sensações podem apresentar conteúdos específicos ou não, e que o fenômeno pode surgir de repente sem que elas estejam fazendo algo específico.

Olha (...), eu não tenho mais escutado as vozes, mas esses dias, eu estava olhando um filme, estava bem interessada, quando, de repente, eu ouvi alguém batendo na porta, fui olhar e não tinha ninguém, na minha casa estavam todos dormindo, fui no quarto da mãe e não era ela, voltei pra sala e me sentei novamente, quando comecei a sentir a presença de alguém, cheguei a me arrepiar toda, bem perto de mim, mas não tinha ninguém, eu fiquei com medo (...). (Girassol - registro da narrativa no diário de campo)

“Eu não tenho visto mais a mulher de branco ou homem vestido como um lenhador (camisa xadrez e barba) apareciam várias vezes,

não falavam nada, só ficavam ali, eu não tinha coragem pra falar nada com eles, nem com a mulher, nem com o homem, eu saía correndo para chamar a mãe”. Agora eu sinto que mudou, eu sinto que quando estou em um momento de reflexão, sinto uma energia, como se fosse me tocar, mas não me toca, eu sinto como algo bom, acho que é meu pai que está ali. (Azul - registro da narrativa no diário de campo)

Ouvia aquela voz de lego, sempre ouço essa voz. (Jedai - trecho retirado do diário de campo)

Evidencia-se o corpo como mediador da experiência de escutar as vozes, ter as visões e sensações, demonstrando que apesar desse fenômeno partir da subjetividade, a experiência se manifesta também na corporeidade dos sujeitos, através de todos os órgãos dos sentidos. De acordo com um estudo desenvolvido no Reino Unido a respeito de como o cérebro processa sons incomuns, foram analisadas ressonâncias magnéticas em dois grupos de pessoas: 12 ouvintes não clínicos (ouvintes de vozes sem vínculo com serviço de saúde mental) e 17 pessoas não ouvintes (caso-controle) e constatou-se que os ouvintes relataram reconhecer a presença do som (onda senoidal) antes dos casos controles, bem como na análise das ressonâncias ficou evidente que houve ativação cerebral na região do córtex responsável pela compreensão verbal (Alderson-Day et al., 2017).

Para estes interlocutores a experiência de ouvir vozes é distinta em relação às sensações. Para Girassol foi aterrorizante, é possível que seu temor tenha relação com o fato de não conseguir identificar ou associar esta presença com algo que já conheça, e por isso desencadeia o medo, enquanto que para Azul a sensação lhe trouxe algo bom, associando a experiência com a presença de alguém importante em sua vida.

Azul escuta vozes desde os três anos de idade, no início suas visões eram assustadoras, lhe causavam medo. A partir da sua participação no grupo, Azul conseguiu verbalizar sobre essa experiência e mudar a relação que estabelecia com ela. Girassol passou a ouvir vozes aos nove anos, após o acidente de carro que tirou a vida da sua melhor amiga,

as vozes que ouvia eram de crianças que diziam para ela se cuidar. O cuidado adquiriu uma importância central em sua vida.

A essência da comunicação de uma criança que escuta vozes, não está somente no fato dela ouvir vozes que outras pessoas não ouvem, mas na importância que adquire a palavra cuidado para ela quando se possibilita a sua expressão. Evidencia-se uma mudança na experiência narrada por Azul e Girassol, destaca-se que a participação no grupo possibilita novas formas de olhar para a própria experiência ressignificando-a. Neste sentido, a uma das características do Grupo Crianças Unidas: o acolhimento sem julgamentos, garantiu que Azul, Girassol, Naruto Uzumaki e Jedai narrassem sobre suas memórias, expressando suas individualidades, mas compartilhando coletivamente a respeito das experiências.

Benjamim (2013) destaca nas experiências infantis, a singularidade e sobretudo a capacidade que as narrativas possuem de resgatar a expressão dos sentidos experimentados desde a infância. Romme et al. (2010) apresenta em sua obra relatos de vida de pessoas que mantêm uma relação com a própria voz, conseguindo modificá-la no sentido de torná-la uma forma de ajuda. Já Cristina Contini a respeito do início de sua experiência descreve o aparecimento de suas vozes após sofrer um acidente e permanecer em coma por alguns dias, refere suas vozes como um “silêncio implosivo e aterrorizante” (Kantorski et al., 2017).

Percebe-se a partir dos relatos de Girassol, Jedai, Azul e Naruto que a participação nos Grupos de Auto Mútuo Ajuda (AMA) são importantes espaços de trocas de afetos, conhecimentos, estratégias e acolhimento. Assim o Grupo Crianças Unidas garantiu um espaço para que as crianças pudessem narrar aspectos considerados importantes para elas.

Os diálogos realizados no grupo permitiram às crianças refletirem a respeito dos momentos nos quais as vozes, visões e sensações apareciam e relacioná-las com as emoções sentidas durante a experiência, mesmo quando as visões estavam paradas, ou as vozes não expressavam emoções, influenciavam nas emoções das crianças, segundo elas havia medo e tristeza.

Não sei dizer, só pela aparência não sei dizer se eram amigáveis, mas eram desagradáveis, por que eu ficava com muito medo (...), e elas não me diziam nada, só ficavam ali paradas. (Azul - entrevista narrativa)

Eu não sei explicar muito bem (...) o que eu sentia, só me sentia triste em alguns momentos, elas (as vozes) não me xingavam, não me falavam coisas pra ter medo, mas eu tinha. E influenciava na escola, eu acho que meu comportamento na escola, eu ficava mais introspectiva [...] eu não vou no CAPSi por causa das minhas vozes, eu vou por causa do meu comportamento, eu não contava sobre as vozes pra ninguém, só para o grupo, o grupo sim, eu gosto demais do grupo [...]. (Girassol - entrevista narrativa)

Eu sinto que eles (Joãozinho e Juvisclaudio) estão tristes e às vezes eu não consigo fazer eles (Joãozinho e Juvisclaudio) ficarem felizes. Eu ficava bravo, com raiva e eles diziam se acalma, se acalma, vai lá dentro (no quarto) e se acalma, aí o pai diz que se eu não me acalmar ele vai desligar o computador. (Naruto Uzumaki - entrevista narrativa)

Observa-se uma diferença nas experiências das crianças. A narrativa de Naruto revela que ele não possui receios em relação às suas vozes, consegue conversar com elas, estabelecendo uma relação importante que garante equilíbrio na sua convivência. Para Naruto suas vozes são cuidadosas, e isso contribui para que ele não queira deixar de experienciá-las. Sua participação no grupo e na pesquisa ocorreu somente quando ficou explícito que o objetivo das atividades não estava relacionado ao silenciamento da experiência, pelo contrário, sua história com Joãozinho e Juvisclaudio seriam inspirações para que outras crianças pudessem conhecer outras formas de se relacionar e acolher suas experiências.

Nas falas de Girassol e Azul, ficam visíveis o quanto a experiência os assustava, o medo é uma emoção importante para o desenvolvimento saudável, pois ele age como um mecanismo de alarme e emergência. Para as crianças que ouvem vozes, o medo da experiência mistura-se a outras situações, como por exemplo, a ideia de que irão considerá-la

inadequada, louca, ou até mesmo um aumento na medicação. Segundo Contini (2017, p.65) pode ainda existir esse “medo paralelo”, definido por um pensamento de que coisas boas não voltarão a acontecer.

Os movimentos dialéticos utilizados pelo Movimento Internacional dos Ouvidores de Vozes permitem uma interlocução com a linguagem das crianças e que aproxima-se dos postulados de Benjamin (2013) sobre a comunicação, toda expressão comunica a essência espiritual. O autor não atribui sentido religioso ao termo, refere-se portanto, a condição humana, de um espírito humano capaz de partilhar suas emoções, essa possibilidade assume uma importância no sentido de que ouvir vozes - que outras pessoas não ouvem -, não está associado a doença psiquiátrica, mas considerada uma variação humana.

A partir das narrativas abre-se a possibilidade de uma interlocução sobre as emoções e sentimentos experimentados pelas crianças, que encontram no espaço do grupo uma linguagem diferente daquela utilizada pelos saberes hegemônicos, mas sobretudo a ressignificação por meio da linguagem expressa por suas narrativas.

Girassol fala sobre seu comportamento não ter relação com o acompanhamento no serviço de saúde mental, pois para ela suas vozes não adquirem um significado de doença e que corrobora com a defesa deste estudo, as crianças entendem suas experiências de maneira natural, diferente dos adultos que imediatamente a narrativa da criança que possui o fenômeno relaciona com algo negativo, e que pode explicar o motivo pelo qual não possuía o hábito de contar a respeito das vozes no serviço.

A articulação do grupo nas atividades de acolhimento que envolveram a relação entre o conteúdo das experiências e as emoções, permitiu a aceitação de que coexistem no mundo diferentes formas de ser e estar, indo ao encontro da proposta do MIOV, e sobretudo do resgate da autoestima e empoderamento das crianças sobre coisas que dizem respeito às suas vidas.

A busca pelo conteúdo das vozes, visões e sensações nas crianças permitiu entendermos que a experiência gerou emoções, que permite

entender que existem situações que podem ter relação com o aparecimento e/ou permanência do fenômeno. Segundo Fernandes e Zanello (2018), às emoções podem modular as vozes, bem como estas podem modular as emoções. Dessa forma, vozes, visões e sensações com conteúdo negativo tendem a gerar emoções difíceis e o contrário também é verdadeiro, experiências com conteúdos positivos são mais fáceis de acolher.

Nas narrativas das crianças foi constatado que se sentiam influenciadas pelas vozes e visões quanto ao comportamento.

Sim, foi, influenciava bastante, porque eu me sentia menos seguro, tipo inseguro, aí toda vez que eu ia fazer alguma coisa, eu achava que a voz ia aparecer e eu ia ter que sair correndo. (Azul - entrevista narrativa)

Para tomar banho sim, eu tenho que conversar um pouco com eles, eles me ajudam a me acalmar para ir pro banho, aquela vez que fazia três dias que eu não ia pro banho eles me ajudaram. (Naruto Uzumaki - entrevista narrativa)

Aquela vez que ele [José] disse que era pra eu bater na [nome da irmã], aquela vez sabe que eu bati na {nome da irmã}, mas agora ele não disse mais, agora eu falei pra ele que não era pra fazer mais isso, agora eu disse que não vou mais obedecer [...] Sim, eles influenciam a jogar quietinho, eles me levam [...] lá para dentro (quarto) para jogar com eles. (Naruto Uzumaki - entrevista narrativa)

Todas as crianças narraram a influência das vozes, em maior ou menor grau no comportamento. Girassol também destaca que se sentia mais introspectiva, assim como Jedai que relatou em diversos momentos que dependendo da voz ele sentia-se com medo, ele ouvia dois tipos de vozes, uma que relacionava a um personagem de filme e outra que lembrava a voz de um monstro.

O nível de influência das vozes mostra o quanto estas experiências podem interferir nos sentimentos e interações das crianças, consigo e com as demais pessoas, principalmente em relação às competências sociais. As narrativas destacam o medo, o qual segundo as crianças

geravam a introspecção e a ansiedade, acredita-se que por não ter o controle sobre si, controle sobre as vozes ou visões. Mesmo Girassol ao descrever suas vozes como amigáveis, também sentia-se triste com aquela situação.

Durante a pandemia de COVID - 19, Naruto apresentou uma terceira voz que ele identificou como José, o qual o influenciou através de conteúdos negativos e de comando, por exemplo: estimulava a agredir sua irmã. Essa nova experiência causou ansiedade em Naruto, o que levou a pesquisadora propor atividades de relaxamento para o grupo, tais como: meditação, técnicas respiratórias e desenhos livres, tendo como resultado o cessar dessa experiência.

Contini afirma que o medo acomete boa parte dos ouvidores de vozes; a partir do seu contato com 150 meninos/as questionou qual a primeira emoção que sentiam ao se deparar com a experiência pela primeira vez e as respostas foram quase unânimes sobre sentir medo (Kantorski et al., 2017).

Cabe dizer que as emoções são fundamentais para o desenvolvimento de relações saudáveis e quando existe um direcionamento elas podem contribuir para atitudes mais conscientes sobre como se proteger de diferentes situações. Conforme Kantorski et al. (2018) o que desencadeia o medo não são a ou as vozes/es em si, mas aquilo que as mesmas tentam comunicar, independente de serem vozes positivas, negativas ou neutras.

Sobre a influência das vozes no comportamento das crianças, é preciso desconstruir preconceitos sobre aspectos como a raiva e a tristeza que são percebidas como problemas, percebe-se um equívoco no que diz respeito do que se espera como um comportamento adequado. As crianças estão em desenvolvimento, neste sentido essas emoções podem estar presentes por diversos motivos, como por exemplo, na situação descrita por Naruto Uzumaki em relação a irmã, não era comum que as vozes realizassem comandos, pois ele mesmo as considerava amigáveis, e destaca-se sua estratégia de conversar com as vozes para não obedecê-las.

Conforme Escher (2012) existem alguns preditores que podem estar presentes em crianças que ouvem vozes, como o alto nível de ansiedade, depressão e a alta frequência das vozes. Para Couto e Kantorski (2018) há uma relação entre os conteúdos das vozes e os acontecimentos de vida que ainda não foram bem elaborados.

Da minha interpretação das vozes eu não conseguia saber se já tinha visto elas antes, mas acho que não, acho que fosse algo extraordinário, nem uma pessoa em si, mas de coisas que eu via, e aí pra mim são fantasmas e coisas de outro mundo. (Azul - trecho retirado do diário de campo)

Eu me sentia cansada (...), eu acho que as vozes eram amigáveis, mas me cansava, mesmo elas não diziam pra fazer nada de ruim, o que diziam era pra me cuidar, não ficar pegando sol, mas tinha hora que me cansava de ouvir a mesma coisa, olha [...] eu não acho que elas venham de algo ou alguém, eu não sei de onde vem, eu não conseguia chamar elas, elas apareciam. (Girassol - trecho retirado do diário de campo)

Sim, eles deixam eu jogar quieto, mas eles não causam tristeza, nem me amedrontam, não me confundem, eles me deixam feliz, pra mim eles são positivos, suas vozes são positivas. (Naruto Uzumaki - entrevista narrativa).

Não acho que eles venham, nenhuma pessoa, não vem de algo, relaciono com fantasmas, pra mim eles são fantasmas, eu escuto eles e eles me escutam, eu faço uma missão (jogo de videogame), eu digo que agora tenho que fazer uma missão, aí eu faço pra ele ficar quieto, pra me concentrar, nós três somos os chefes. (Naruto Uzumaki - entrevista narrativa)

A experiência é subjetiva porque diz respeito a vida de quem tem o fenômeno, para Contini (2017) a tomada de consciência pode ser um momento positivo, ao encarar esta realidade pode ao mesmo tempo trazer algumas sensações, como desânimo e tristeza diante da impossibilidade de readquirir o controle e encontrar o equilíbrio sobre a própria vida. Conforme Girassol mesmo ao identificar as vozes como sendo

positivas, sentia-se cansada, o que pode ter relação com o fato de não ter o controle sobre o momento em que apareciam, além de expressar a dificuldade de atribuir se as vozes originavam-se de algo.

De fato, a experiência com as vozes pode ser positiva, contudo, é preciso dialogar sobre a mesma, pois o isolamento e o não entendimento sobre o fenômeno podem tornar a experiência negativa.

O grupo de Auto Ajuda Mútua Crianças Unidas, possui características como o suporte de pares, por meio do diálogo, onde se constrói o acolhimento, garantindo que todas as interpretações sobre o fenômeno sejam respeitadas. Acredita-se que estas características são importantes para minimizar a carga emocional e uma compreensão mais profunda sobre as vozes, visões e sensações.

Evidencia-se que Naruto possui uma boa relação com suas vozes, pois ele consegue manter um diálogo com as mesmas, ele afirma que há uma troca de escutas e consegue explicar suas necessidades, este aspecto é muito significativo na relação com as vozes.

Segundo Rufato et al. (2021), o suporte por pares transmite esperança, ao partilharem histórias de sucesso sobre a convivência com as vozes, além da construção de novos sentidos para a experiência, ganhos e mudanças após a participação nos grupos. Neste sentido o grupo protagonizado pelas crianças possibilita que as mesmas possam ser os próprios agentes na mudança, pois elas auxiliam na elaboração das atividades, conferindo-lhes poder de decisão sobre o que o grupo irá realizar, por esta razão o suporte permite que as mesmas possam realizar suas construções individuais sobre o fenômeno e dividir as estratégias que foram utilizadas pelas mesmas, como o diálogo.

A construção de suas interpretações é importante na medida em que as crianças acrescentam um sentido que pode ser espiritual, relacionado a eventos emblemáticos como o luto pela perda de alguém, ou até mesmo o aparecimento das vozes, a partir dessa construção é que nascem as estratégias para acolher as vozes/visões/sensações.

Estratégias de convivência com as experiências singulares de ouvir vozes

Faz-se necessário esclarecer que não existe problema na experiência de ouvir vozes, mas sim na relação que a pessoa que ouve estabelece com ela, se existe um vínculo saudável e amigável com o fenômeno, há chance de que a criança estabeleça uma relação mais positiva. Este tema apresenta aspectos sobre a relação estabelecida entre as vozes, visões e sensações, além das estratégias estabelecidas que variaram entre psicológicas e comportamentais, enfatiza-se que conhecê-las são importantes para que outras crianças possam se beneficiar, já que muitas continuarão a ouvir vozes.

Dessa maneira o conhecimento compartilhado no grupo contribui para o empoderamento dos interlocutores a respeito do processo vivido por quem ouve vozes, pois conforme Baker (2016) são três as fases pela qual cada ouvitor/a irá experimentar, fase de surpresa: que acontece no início do aparecimento do fenômeno, a fase de organização: momento em que são estabelecidas estratégias para conviver/lidar e por fim, a fase de estabilização que significa quando a pessoa conseguiu atingir um equilíbrio na relação com a experiência.

Neste sentido, é possível descrever que três crianças já atingiram a fase de estabilização na relação com o fenômeno, enquanto que uma delas ainda apresenta-se na fase de organização.

Naturalmente, as crianças construíram suas próprias estratégias para acolher o fenômeno, dentre as citadas foram a brincadeira, o desenho, estudar, comer algo que goste, ver televisão ou mexer no celular, estar perto das pessoas da rede social e afetiva. A brincadeira é sem dúvida a atividade social mais importante para o desenvolvimento biopsicossocial da criança, pois ela possibilita a construção de novas estratégias para ressignificar aspectos importantes da vida, conforme Benjamin (2011) ela é uma forma de elaboração de suas experiências.

Então eu tentava fazer alguma coisa (...), eu brincava, tentava desenhar, aí eu tentava me distrair fazendo essas coisas e tentava estudar,

porque pra mim as vozes é que eram as chefes, mas as vezes eu conseguia desviar. (Girassol - entrevista narrativa)

Eu comia alguma coisa que eu gostava, mas isso eu já faço sempre, se as vozes apareciam era a primeira coisa que eu fazia se estava em casa. (Girassol - entrevista narrativa)

Eu ficava perto da minha mãe, perto das pessoas que eu gostava, da namorada do meu irmão, aí eu me distraía com a televisão, com o celular, uma vez eu fiz, na verdade eu fiz desenhos três vezes, uma eu fiz do sonho, outra de uma visão e o outro de um sonho também, eu lembro que desenhei primeiro duas crianças coladas, tipo irmãos siameses, e a outra era a mulher sentada na cadeira (mulher de branco), o outro era um boneco saindo de uma tv (televisão), igual de um filme. (Azul - entrevista narrativa)

Minha mãe me botou em vários psicólogos, não adiantou de nada, o que adiantou foi ficar perto da minha mãe, da namorada do meu irmão e do pessoal do Reiki (Azul - entrevista narrativa)

Eu via televisão, aí eles não vinham tanto, mas se eu pedir, eles entendem que eu quero fazer outra coisa, eu desenho eles, já desenhei várias vezes, eu uso medicação (...), mas não é por causa das vozes, a minha mãe, ela que me cuida, ela, aquela vez que eu machuquei meu dedo, também foi ela que me cuidou, e com ela que eu posso contar (Naruto Uzumaki - entrevista narrativa)

Os interlocutores salientaram algumas estratégias comportamentais como desviar, distrair ou realizar atividades como estudar, conversar com as vozes, todas as estratégias utilizadas pelas crianças foram relevantes para a pesquisa, mas acima de tudo para elas, que ao narrarem sobre a utilização puderam perceber quais as estratégias mais promissoras e que permitiram mais conforto e convivência com as vozes, visões e sensações.

Baker (2016) reconhece que uma das estratégias mais utilizadas pelos ouvintes de vozes no início da experiência é ignorar as vozes, mesmo não sendo esta uma estratégia eficaz. Evidencia-se na narrativa

das crianças que em alguns momentos elas assumiram esta estratégia, recorrendo em outros momentos a outras mais eficazes.

As estratégias utilizadas demonstram um saber construído a partir da experiência que os torna *experts* por experiência, percebe-se nos interlocutores essa capacidade sobre os processos experimentados e que denotam um conhecimento construído a partir das suas interlocuções com o fenômeno e a linguagem utilizada por elas para narrar os eventos.

Percebeu-se que a experiência de cada interlocutor acompanhava diferentes emoções, tais como medo, surpresa, raiva e alegria. Sendo assim, a pesquisadora trouxe para o grupo uma técnica respiratória conhecida como 7,4,8 (Inspirar pelas narinas em 7 segundos, segurar a respiração por 4 segundos e expirar pela boca em 8 segundos) e a prática meditativa que consistia em iniciar respirando profundamente e prestar atenção na respiração e nas batidas do próprio coração durante 2 minutos: “A gente aprendeu no grupo a fazer as técnicas respiratórias, a meditação e a respiração do peixinho” (Girassol-diário de campo), “foi bom quando a gente fez meditação” (Naruto Uzumaki-diário de campo), “uma coisa que foi boa a técnica respiratória e a meditação” (Azul-diário de campo).

Estas práticas alternativas foram introduzidas como complementação das atividades do grupo, orientou-se as crianças que realizassem as técnicas sempre que entendessem sua necessidade, ao longo das atividades diárias mesmo quando não estivessem no grupo.

Segundo o participante Azul, a psicoterapia não funcionou apesar de ter ido a mais de um terapeuta, para ele o que garantiu seu equilíbrio emocional foi estar perto da sua rede afetiva e social, além de indicar o Reiki como possibilidade de terapia complementar. O Reiki, juntamente com outros recursos terapêuticos como a meditação, é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma prática de cuidado integrativo em saúde, sendo incorporada pelo SUS em 2015 na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPICS) (Ministério da Saúde, 2015).

Outra estratégia adotada pelo grupo foi o desenho, considera-se uma maneira de extravasar e imprimir materialmente as emoções presentes nas experiências, pois ele permite a expressão de sentimentos reprimidos, mas que ao desenhar é possível libertar-se. Este tipo de estratégia possibilita encontrar uma nova linguagem para expressar o que as vozes, visões e sensações querem comunicar, as crianças nem sempre estão confortáveis para falar sobre determinados aspectos, e a arte é uma forma de comunicação possível até que este momento de verbalizar as emoções, conteúdos e influência do fenômeno possa acontecer.

Para Benjamin (2020) a arte genuína não reprodutível, possui segundo o autor, uma capacidade transcendental, de contato com o íntimo dos pensamentos e ideias em criações diversas, que expressam uma forma de linguagem favorecendo a expressividade das emoções, assim como os desenhos realizados pelas crianças que são únicos e narram uma singularidade.

Cabe ainda evidenciar o apoio e suporte que as crianças recebiam de suas famílias, houve inclusive a participação das mães em diversas atividades ao longo do grupo. Este fato também se observa na pesquisa realizada por Machado (2021), na qual relata que sua família a encorajou a conviver com sua amiga invisível, fato que permitiu um acolhimento e convivência positiva com o fenômeno. Observa-se também a afirmação de Estamira no documentário em 2004: “o imaginário existe e é real”, assim ouvir vozes ou sons (ruídos), ter visões ou sensações são experiências subjetivas e singulares (Baker, 2016).

O estabelecimento de um bom acolhimento da experiência exige autoconhecimento por parte das crianças, entender o momento em que as vozes aparecem, o conteúdo e sua influência no comportamento são fundamentais, que existe um sentido para aquela experiência, que pode inclusive ser existencial. Embora a intenção ao falar sobre as vozes, visões e sensações não seja eliminá-las, com o estabelecimento de um bom controle é possível reduzir a frequência e com o tempo é possível que a criança deixe de experienciá-las.

Os interlocutores estabeleceram acolhimento com suas experiências, pois para elas o fenômeno fez e faz parte de sua história de vida. Acredita-se que isto foi possível pela capacidade desenvolvida em administrar o fenômeno, emoções e contexto de vida.

Percebe-se que as crianças com relações igualitárias com o fenômeno escolheram estratégias de convivência mais construtivas e pró-sociais, como Naruto Uzumaki que estabeleceu com a voz de comando um limite, demonstrando competência social também com sua rede no momento em que não obedece mais ao comando que dizia para agredir a irmã.

Neste sentido as atividades do grupo possibilitaram o conhecimento de outras estratégias possíveis de serem adotadas, tanto as trazidas pela pesquisadora, como as utilizadas pelos interlocutores. Os grupos de auto mútua ajuda, demonstram uma potente ferramenta de desconstrução do paradigma biomédico, pois aposta no compartilhamento coletivo das experiências, onde se identifica novas formas de acolher as experiências, sem que para isso, as crianças sejam estigmatizadas.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo identificar quais conteúdos, influências e as estratégias utilizadas pelas crianças participantes do Grupo Online Crianças Unidas, que acolhe as experiências com as vozes, visões e sensações que outras pessoas não possuem. Para as crianças participantes da pesquisa os conteúdos são diversos, podendo ser experimentados na forma de vozes, visões e até sensações. Destacam ainda que percebem a influência do fenômeno, atribuindo a introspecção e insegurança na realização das atividades diárias. Enquanto que as estratégias utilizadas variaram desde comportamentais como assistir televisão, mexer no celular, desenhar, comer algo; e as estratégias psicológicas foram estar perto da rede social e afetiva, utilizar terapias

complementares como o Reiki, a utilização de técnicas respiratórias e práticas meditativas, além da participação no Grupo Crianças Unidas,

Embora estudos considerem a existência de preditores, presentes nos ouvidores de vozes, não foi objeto deste trabalho reafirmar uma possível relação entre transtornos mentais na infância com a experiência de ouvir vozes, mas pensá-la sobre uma outra perspectiva, para além de uma classificação e do rótulo de transtorno mental. Acredita-se ainda que o principal entrave para que outras crianças consigam realizar um acolhimento de sua experiência esteja relacionado com a dificuldade de administrar vozes, emoções e contexto de vida.

Considera-se como uma limitação do estudo a impossibilidade de encontros presenciais, pois percebeu-se que algumas crianças por não possuírem acesso a um aparelho telefônico e a internet não puderam participar do grupo. Outra limitação deve-se ao fato de que em alguns dias não realizou-se o grupo devido a instabilidade da internet.

Espera-se que, este trabalho, contribua para que os profissionais da saúde, em especial, os que atuam na saúde mental, possam se aproximar da abordagem do Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes, entendendo que o cuidado não deve ser aquele pautado pelos serviços de saúde mental que preconizam a extinção das vozes, mesmo porque nem sempre esta é uma necessidade da criança, pois para algumas o desejo não é perdê-las, mas estabelecer uma convivência positiva com as mesmas.

Construir estratégias de convivência com as vozes, visões e sensações, para as crianças significa a possibilidade de que ela assuma o protagonismo das situações em sua vida, contribuindo para a implementação de práticas acolhedoras de suas experiências como fonte do cuidar, pois acredita-se que é possível a mudança no paradigma biomédico da psiquiatria clássica, para um paradigma que se concentre em escutar e validar o que as crianças têm a nos dizer sobre suas experiências.

Referências

- Alderson-Day, B., Lima, C.F., Evans, S., Krishnan, S., Shanmugalingan, P., Fernyhough, C., & Scott, S. (2017). Distinct processing of ambiguous speech in people with non-clinical auditory verbal hallucination. *Brain: a journal of Neurology*, (140), 2475-2489.
- Baker, P. (2016). A abordagem de ouvir vozes: treinamento Brasil. Cenat.
- Benjamin, W. (2011). *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Editora 34.
- Benjamin, W. (2013). *Escritos sobre mito e linguagem*. Editora 34.
- Benjamin, W. (2020). O narrador. In Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (pp. 197-221). Brasiliense.
- Cardano, M. (2017). *Manual de Pesquisa Qualitativa: a contribuição da Teoria da Argumentação*. Petrópolis: Vozes.
- Cardoso, C. S., Pereira, V. R., Oliveira, N. A., & Coimbra, V.C.C. (2018). A escuta das vozes na infância: uma revisão integrativa. *Journal of Nursing and Health*, 8. <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i0.14043>
- Contini, C. (2017). *Ouvir vozes: manual de enfrentamento*. Cópias Santa Cruz.
- Davis, P. E., Meins, E., & Fernyhough, C. (2014) Children with Imaginary Companions Focus on Mental Characteristics When Describing Their Real-Life Friends. *Infant Child Dev*, 23(6), 622-633. <https://doi.org/10.1002/icd.1869>
- Escher, S., Romme, M., Buiks, A., Delespaul, P., & Van Os, J. (2002). Independent course of childhood auditory hallucinations: A sequential 3-year follow-up study. *British Journal of Psychiatry*, 181(S43), 10-18. <https://www.cambridge.org/core/journals/the-british-journal-of-psychiatry/article/independent-course-of-childhood-auditory-hallucinations-a-sequential-3-year-followup-study/C38A361826690C7FDC3577B1323B538C>

- Escher, A., Morris, M., Buiks, A., Delespaul, Ph., Van Os, J., & Romme, M. (2004). Determinants of outcome in the pathways through care for children hearing voices. *International Journal of Social Welfare*, 13 (3), 208-222. <https://doi.org/10.1111/j.1369-6866.2004.00315.x>
- Escher, S. (2012). Hearing Voices in Children: the messages of the voices. In M. Romme & S. Escher (Orgs.), *Psychosis as personal Crisis* (pp. 103-115). ISPS.
- Fernandes, H. C. D. (2018). Alucinação Auditiva: sintoma de doença ou possibilidade de ser doente? *PÓLEAMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, 6(12), 48-68. <https://doi.org/10.26512/pl.v6i12.11763>
- Fernandes, H. C. D., & Zanello, V. (2018). A topografia da audição de vozes: uma possibilidade de interpretação da linguagem da subjetividade. *Saúde e Pesquisa*, 11(3), 555-565. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-970759>
- Intervoice Brasil. (2017). *Manual como montar um grupo de ouvidores de vozes*. Intervoice.
- Kantorski, L. P., Andrade, A. P. M., & Cardano, M. (2017). Estratégias, expertise e experiências de ouvir vozes: entrevista com Cristina Contini. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 21(63), 1039-1048. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180153125029>
- Kantorski L.P., Machado R.A., Alves P.F., Pinheiro G.E.W., & Borges L.R. (2018). Ouvidores de vozes: características e relações com as vozes. *Journal of Nursing and Health*, 8. <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i0.14119>
- Ministério da Saúde. (2015). Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do SUS. Brasília.
- Machado, R.A. (2021). *Mulheres que ouvem vozes: tecendo rede de saberes e experiências acerca da audição de vozes* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pelotas]. Brasil.
- Marion, J., Londero, A. D., Pereira, C. R. R., & Souza, A. P. R. de. (2018). O amigo imaginário na visão de psicólogos e psiquiatras

- infantis. *Psicologia em Revista*, 24(3), 812-833. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n3p812-833>.
- Resolução n. 466. Dispõe sobre o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. (2012). Diário Oficial da União, Brasília.
- Resolução n. 510. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. (2016). Diário Oficial da união, Brasília.
- Romme, M., Escher, S., Dillon, J. Corteens, D., & Morris, M. (2010). *Vivere con le voci: 50 storie di guarigione* (3rd ed.). Mimesis.
- Sicaroni Rufato, L., Mendonça Corradi-Webster, C., Seabra Sade, R. M., do Carmo Reis, G., Bien, C., & Napoli Costa, M. (2021). Suporte de pares em Saúde Mental: Grupo de Ouvidores de Vozes. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental Brazilian Journal of Mental Health*, 13(36), 156-174. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/76826>
- Souza, V. R. S., Marziale, M. H. P., Silva, G. T. R., & Nascimento, P. L. (2021). *Translation and validation into Brazilian Portuguese and assessment of the COREQ checklist*. *Acta Paul Enferm.*, 34, eAPE02631. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631>
- Velludo, N.B., & Souza, D. H. (2016). “Ele me deixava especial”: amigos imaginários, suas funções e atitudes parentais. *Psicologia em Estudo*, 21(1), 115-126. <https://www.redalyc.org/pdf/2871/287146384013.pdf>

Recibido: 01/09/2023

Revisado: 15/06/2024

Aceptado: 28/08/2024